



A PSICOLOGIA ECOLÓGICA NA PERSPECTIVA METODOLÓGICA DE PAULO FREIRE

Cristiane Pinheiro
<https://lattes.cnpq.br/3712041994050700>

RESUMO

A Psicologia Ecológica surgiu das pesquisas de James Jerome Gibson e Eleanor Gibson, a qual defende que para o organismo obter informação, ele se move e explora o ambiente por meio das suas habilidades individuais. Outrossim, o Método elaborado por Paulo Freire leva em conta o ambiente e a individualidade dos educandos. O objetivo geral é analisar se a Psicologia Ecológica e Método Paulo Freire apresentam congruências. Os objetivos específicos se concentram em examinar se houve alguma produção brasileira nos períodos de (2019-2024) que demonstrasse conexão entre os dois temas, e investigar se a Psicologia Ecológica pode corroborar cientificamente com o método de Paulo Freire. A Metodologia empregada foi a revisão de literatura integrativa com abordagem qualitativa. Apesar de haver uma quantidade significativa de estudos sobre o Método de Paulo Freire nesses resultados, trinta e dois (32), a produção sobre Psicologia Ecológica é bastante reduzida, com apenas quatorze (14). Esses trabalhos não foram utilizados na consulta e elaboração dessa pesquisa, mas demonstraram não haver nenhum estudo que relacionasse os dois temas. Além disso, a análise do referencial teórico mostrou conexão entre as temáticas, uma vez que a psicologia ecológica defende que a aprendizagem está diretamente ligada às possibilidades de ação que o ambiente oferece ao organismo. Já a pedagogia de Paulo Freire defende um modelo de ensino baseado a partir da realidade concreta dos educandos que culmina em ação social. O estudo demonstrou, portanto, o ineditismo no que tange apresentar congruências entre os temas, especialmente, na relação do sujeito com o ambiente.

Palavras-chave: Psicologia Ecológica. Método Paulo Freire. *Affordance*.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Ecológica surgiu das pesquisas de James Jerome Gibson e Eleanor Gibson, em especial podemos citar o livro *The ecological approach to the visual perception of pictures* de 1979. Essas pesquisas tinham o intuito de compreender a percepção e a aprendizagem perceptiva. Em outras palavras, buscava compreender como se dá aprendizado e o processamento de informações em seres humanos e outros animais. De acordo com essa teoria os organismos percebem e aprendem as informações conforme exploram o ambiente (Gibson, 1979, p. 38).

Isso significa que para o organismo encontrar a informação e processá-la, ele se move e explora o ambiente por meio das suas habilidades de discriminação. Além disso, segundo Gibson a aprendizagem pode ser vista como um processo de sintonização. Isso significa que ao explorar o ambiente, o organismo aprende ao sintonizar seus estímulos com os padrões de energia do ambiente e suas características (Gibson, 1979, p. 41). Ao

contrário de outras concepções acerca da percepção e aprendizagem, como *behaviorismo* e cognitivismo.

O *behaviorismo* foi desenvolvido por Burrhus Frederic Skinner, na década de 1950, e defendia que apenas os estímulos ambientais e o comportamento-resposta dos organismos são relevantes para estudo, uma vez que os processos mentais não podem ser compreendidos e descritos de forma objetiva (Skinner, 1953). Por outro lado, o cognitivismo, desenvolvido entre as décadas de 1950 e 1960, e sob forte influência do crescimento da inteligência artificial, defende que os processos mentais são necessários para compreender e explicar o comportamento, pois são eles que operam sobre a informação recebida pelo organismo (Neisser, 1967).

Contudo, apesar de parecerem diferentes, em ambas concepções a relação entre estímulo e resposta (E-R) é externa e causal (Carvalho, 2024, p. 416). Isso significa que há um estímulo do ambiente, processado ou não por operações mentais, e conseqüentemente há a resposta comportamental do organismo. Assim, esses esquemas de E-R não consideram a vinculação interna entre estímulo e ação, por essa razão o *behaviorismo* e o cognitivismo são considerados, pela psicologia ecológica, como insuficientes para destacar e articular a dimensão ativa dos organismos ao perceber e conhecer (Carvalho, 2024, p. 417).

Outra novidade na teoria dos Gibsons é que o aprendizado se dá por meio de *affordances* ou possibilidades de ações, esse é um termo criado pelos autores e vem de “*to afford*” (propiciar), e é aquilo que o ambiente oferece ao animal, seja para seu proveito ou prejuízo (Gibson, 1979, p. 119). A ideia é que se a percepção é uma guia para ação, então é natural que percebamos diretamente o que podemos fazer com as coisas em vez de suas propriedades como cor e forma. Por exemplo, não percebemos uma cadeira primeiramente como tendo a propriedade azul e depois raciocinamos que podemos nos sentar. Percebemos diretamente sua utilidade.

Gibson também nota a existência do que chamou de *affordance* social, que é quando um organismo na qualidade de agente, interagindo com um outro organismo que é sensível ao primeiro enquanto um ser que se move e produz ações (Gibson, 1979, p. 130). No caso de seres humanos o próprio ambiente é social, pois vivemos em sociedade, e a maior parte de nossas interações são sociais (Carvalho, 2024, p. 419). Dito isso, torna-se indissociável o fator social nas relações e ações humanas, inclusive no ambiente escolar e nos métodos de ensino.

Nesse sentido, podemos notar semelhanças entre as pesquisas dos Gibsons e o método Paulo Freire. De acordo com os Dickmann (2020, p. 710), um dos momentos da didática Freiriana se dá a partir da investigação e análise do mundo no qual os educandos estão inseridos, para então iniciar conteúdo pragmático. Portanto, o conteúdo deve emergir de um contexto concreto que servirá de base para todo o processo pedagógico. Outro ponto metodológico importantíssimo de Paulo Freire é a contextualização, isto é, o aprendizado do aluno ou aluna é feito com um aprofundamento da sua leitura do mundo em que vive, contextualizando o que é aprendido (Dickmann; Dickmann, 2020, p. 710).

A reflexão também é muito relevante nesse processo, e é um dos passos metodológicos do autor. Para Paulo Freire, os educandos devem ser levados a pensar de forma crítica sobre alguma realidade ou algum objeto, uma vez que é por meio da reflexão que os alunos podem pensar a realidade do mundo, e promover ações transformadoras (Dickmann; Dickmann, 2020, p. 711).

O sucesso da didática Freiriana corrobora com a ideia de que o ambiente ao qual



somos expostos deve ser levado em consideração no processo pedagógico. Igualmente, a Psicologia Ecológica oferece uma base científica para a defesa de que a forma que o indivíduo interage com o ambiente tem papel fundamental na aquisição das informações. Portanto, parece bastante natural correlacionar esses dois temas, de forma que um possa servir de acréscimo ao outro.

Ademais, é importante notar que a psicologia ecológica é um programa de pesquisa que pode ser estendido para explicar uma gama de fenômenos cognitivos. Por essa razão, seu estudo é transdisciplinar e multidisciplinar, uma vez que oferece um modo de explicação sobre a interação não só com o ambiente (aluno-informação), mas entre os indivíduos (professor-aluno, aluno-aluno), não se restringindo apenas a uma área do conhecimento.

Notou-se através de um levantamento bibliográfico no Portal Capes e BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), infelizmente, nos últimos cinco anos, houve pouca produção científica sobre o Método Paulo Freire, e menos ainda sobre Psicologia Ecológica, e nenhuma produção abordou qualquer conexão entre esses dois temas. Trata-se, portanto, de uma pesquisa inovadora, na medida em que há poucos relatos da aplicação dessa teoria em práticas docentes. Isso vai de encontro com os objetivos do decreto 9.283/2018, (Lei Federal 13.243, de 2016) que estabelece o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil. Por este motivo, neste estudo será abordado a conexão entre a psicologia ecológica e o método Paulo Freire para possíveis correlações entre essas temáticas.

A presente pesquisa visa compreender a correlação entre Psicologia Ecológica e Método Paulo Freire. Ademais, pretende-se identificar a literatura vigente da abordagem da Psicologia Ecológica no contexto do Método Paulo Freire, e verificar nessa literatura se existe uma integração de ideias entre os dois temas. A relevância deste estudo é motivada pela necessidade de verificar e analisar a dinâmica dos temas apresentados, áreas que podem nos ajudar na promoção de ambientes educacionais que favoreça o bem-estar dos alunos, por meio de estratégias que considerem as suas necessidades socioemocionais e suas aptidões específicas.

Justifica – se que o levantamento bibliográfico nas bases do Portal do Capes e BDTD permitirá identificação se existe o volume de produção por meio das palavras-chave utilizadas oferecendo um panorama sobre como esses campos de estudo têm se desenvolvido. Espera-se que esta análise possa ser usada na melhoria do ensino e na aprendizagem dos alunos estimulando suas habilidades individuais, além de despertar seu interesse. Nesse sentido de ser um guia na elaboração de uma didática crítica e plural nas relações de ensino. No intuito de que esse estudo, possa ser desenvolvido em planos de aula, levando em conta a necessidade do aluno e da comunidade onde está inserida a instituição de ensino.

2 DESENVOLVIMENTO

Esse estudo pretende alcançar o seguinte objetivo geral: analisar se a Psicologia Ecológica e Método Paulo Freire apresentam congruências, demonstrando ligações e enfoques através da revisão de literatura. Já os objetivos específicos se concentram em: examinar se houve alguma produção brasileira que demonstrasse conexão entre os dois

temas, e investigar se a Psicologia Ecológica pode corroborar com a metodologia de Paulo Freire.

A estratégia metodológica empregada foi a revisão integrativa, por permitir reunir, descrever, e interpretar criticamente as produções acadêmicas publicadas em artigos, livros e capítulos que abordam, isoladamente ou em conjunto, os conceitos de psicologia ecológica e metodologia freiriana. Dessa forma, foi realizada a seguinte sistematização: identificação de palavras-chave; busca em bases de dados acadêmicas; seleção de estudos relevantes; organização temática ou conceitual; resumo e análise crítica dos documentos achados (Creswell, 2010, p. 55-61).

A pesquisa no portal de periódicos da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foi feita utilizando como indexadores “psicologia ecológica” (BDTD); “psicologia” and “ecológica” (CAPES) e “método Paulo Freire” (BDTD e CAPES). A decisão de usar esses indexadores foi tomada com base nos resultados obtidos em uma análise prévia com diferentes tipos de palavras-chave. Foram considerados para a meta-análise somente os artigos publicados em periódicos revisados por pares, ou teses e dissertações entre 2019 e 2024, e que tinham em seu conteúdo expressões ‘psicologia ecológica’, ‘método Paulo Freire’ ou com as variantes ‘metodologia’ e ‘Freiriano’.

Excluíram-se: os artigos publicados em revistas sem avaliação da CAPES; artigos que não eram de livre acesso, que não foram escritos em português, e aqueles que não tinham as palavras-chave ou similares em seu resumo/abstract ou introdução. Também não foram considerados artigos que tratassem o indexador “ecológica” no sentido referente a ecologia, ramo da biologia que estuda a relação entre os seres vivos e o meio ambiente.

Foram utilizados como base conceitual para o referencial teórico, e para as conclusões apresentadas, textos clássicos encontrados no *Google Scholar*. Dentre esses: Educação e Mudança, Pedagogia da Autonomia e Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire; *The Ecological Approach to Visual Perception*, *The ecological Approach to the visual perception of pictures* de James J. Gibson; e *The Visual Cliff* de Eleanor J. Gibson e Richard D. Walk.

2.1 A teoria da Psicologia Ecológica

A Psicologia Ecológica é uma abordagem proposta por James. J. Gibson, e busca compreender a percepção como direta e situada em um ambiente significativo (Gibson, 1979, p. 40). Ao contrário de outras concepções, em que a relação entre estímulo e resposta é externo, para a psicologia ecológica há uma relação interna, na qual a aprendizagem altera o comportamento-resposta do organismo.

Isso significa que ela rejeita a ideia de Visão instantânea, a qual defende que nossa percepção começa por meio de estímulos efetivos e instantâneos. São efetivos porque são suficientes para excitar os receptores sensoriais dos nossos órgãos e são instantâneos, pois excitam nossos receptores sensoriais na menor fração de tempo possível (Carvalho, 2024, p. 417). Ou seja, existe uma informação pontual e bruta oferecida pelo ambiente que é captada, para então ser processada na mente.

Gibson (1979, p. 38) sugere o abandono desse caráter pontual e momentâneo do estímulo, e com adoção da ideia de padrões de energia espalhada no espaço e no tempo, o que ele chama de informação ecológica. Essas informações são sintonizadas pelo



organismo, conforme suas capacidades. Outro ponto importante é que a aprendizagem altera não só o comportamento ou a resposta do organismo, mas também o que conta como estímulo efetivo, ou seja, o organismo pode por meio de uma seleção natural ou mesmo por meio de aprendizagem, mudar o que ele é capaz de detectar. A seguir são apresentados os fundamentos da abordagem ecológica, com destaque para o conceito de *affordances*, e análise do clássico experimento do abismo visual como exemplo empírico da percepção direta. Discutem-se também implicações para o desenvolvimento educacional e o papel da ação no conhecimento perceptivo.

O termo *affordance*, criado por Gibson a partir do verbo inglês “*to afford*” (propiciar), é central na psicologia ecológica. Refere-se às propriedades do ambiente que indicam diretamente como ele pode ser utilizado pelo organismo, são possibilidades de ação” (Gibson, 1979, p. 128). A ideia é que se a percepção é uma guia para ação, então é natural que haja a percepção direta do que se pode ser feito em relação às coisas, em vez de suas propriedades como a cor. “A *affordance* de algo é o que ele oferece, proporciona, ou mesmo impõe ao animal, seja para o bem ou para o mal” (Gibson, 1979, p. 127).

Por exemplo, uma superfície horizontal, plana e rígida, oferece suporte para animais como cães. Já a superfície de um lago não oferece suporte para um cachorro, mas oferece para alguns insetos. Outro exemplo, é que um degrau pode ser uma superfície que facilita a subida ou pode ser um obstáculo que a impede, dependendo do tamanho, habilidade e limitações do indivíduo. Gibson afirma que essas *affordances* são relacionais, ou seja, não são qualidades apenas do objeto ou do organismo, mas da relação entre ambos.

Gibson (1979, p. 130) também nota a existência do que chamou de *affordance* social, que é quando um organismo na qualidade de agente de interação com um outro organismo que é sensível ao primeiro, enquanto um ser que se move e produz ações. Por exemplo, os peixes bodiões-limpadores se alimentam ao limpar restos de comida dos dentes de tubarão-cinza dos recifes, os tubarões dessa espécie sinalizam que desejam a limpeza, ao abrir a boca e ficarem imóveis, além disso é interessante notar que os peixes não são consumidos pelos tubarões, pois sua relação é benéfica para ambos.

Outro exemplo, é a caixa de correio, ela nos convida ao envio de cartas, mas isso só faz sentido dentro de um contexto social e normativo: você entende que há um sistema postal que coleta e entrega correspondência (Gibson, 2015 p.130). Você não tenta abrir ou remover cartas da caixa, porque normas sociais e legais desencorajam isso, pois é crime em muitos lugares. A cor e o símbolo postal (como o logotipo dos Correios) também funcionam como sinalizadores sociais que orientam o comportamento. A percepção é o resultado da interação entre os seres e o mundo. Para Gibson, perceber é agir, pois a percepção está constantemente envolvida com ações: caminhar, agarrar, saltar, etc. Isso porque é a partir da exploração ativa que o organismo coleta informações sobre o ambiente. Portanto, a Psicologia Ecológica oferece uma visão dinâmica da percepção.

Um dos exemplos mais conhecidos que ilustram os princípios da percepção ecológica é o experimento do abismo visual (*visual cliff*), realizado por Eleanor J. Gibson e Richard D. Walk, em 1960. O experimento consiste em uma plataforma com uma parte quadriculada e uma parte que parece ser um precipício, feita com vidro transparente, criando a ilusão de abismo. Bebês são colocados na parte segura, enquanto seus cuidadores os chamam da outra extremidade.

Figura 1 – Experimento para bebês



Fonte: Gibson and Walk (1960).

Nessa figura é percebido que a maioria dos bebês evita atravessar a parte que parece um abismo, mesmo sabendo (ou tendo a possibilidade de tocar) que há uma superfície sólida. Dada a tenra idade dos bebês, isso sugere que a percepção da profundidade não depende de aprendizado prévio. Isso significa que a percepção da profundidade e do risco não precisa ser ensinada; os bebês percebem a relação entre o ambiente e sua própria capacidade de agir, por exemplo, o risco de cair.

Foram encontrados quatorze (14) resultados sobre Psicologia Ecológica no período de 2019-2024 no Portal Capes e BDTD. Esses trabalhos não foram utilizados na consulta e elaboração desse estudo.

2.2 Fundamentos da Metodologia de Paulo Freire

Em consonância com as correlações existentes entre as temáticas abordadas na pesquisa. É relevante apontar que Paulo Freire é um dos maiores autores referenciados para a educação brasileira. É possível identificar três elementos pedagógicos fundamentais para o autor, especialmente, na *Pedagogia do Oprimido* (1970). São eles: o diálogo como método (dialogicidade); a educação entendida como um ato político; e o contexto social, como ponto inicial para a construção do conhecimento (Dickson; Dickson, 2020, p. 709). Desses elementos fundamentais, segundo os autores, podem ser extraídas dez etapas pedagógicas propostas na didática de Freire.

De acordo com Paulo Freire as aulas devem focar na situação gnosiológica, ou seja, problematização dos conteúdos apresentados, incentivando a reflexão crítica dos educandos (Freire, 1987, p. 40). A ideia é que o professor e o aluno precisem construir juntos o processo de aprendizagem através do diálogo problematizador, sem respostas prontas sobre um tema ou conceito. Essa metodologia parte do princípio freiriano de que todos sabem algo, e não existe saber mais ou saber menos, mas saberes diferentes (Freire, 1979, p. 15). Se opondo, assim, ao que o autor chamou de educação bancária, na qual o professor “deposita” o seu conhecimento nos alunos (Freire, 1987, p. 33).

A educação deve ser baseada na conscientização, na politicidade e no contexto social. A conscientização aqui é entendida como a capacidade de perceber as condições sociais e agir para transformá-las. Já a politicidade do ato educativo, afirma que não há neutralidade nas práticas pedagógicas (Freire, 1996, p. 28). Afinal, educar é um ato de mudança das pessoas e dos contextos nos quais elas estão inseridas, então, a educação é política porque ela implica numa rede de relações sociais e, portanto, interligadas ao todo da realidade.



Dessa maneira, há uma ligação política na relação entre quem ensina e quem aprende, assim como, existe relação política entre as pessoas nas demais esferas da vida pública. A negação da politicidade da educação já é um ato político-ideológico, em torno de uma visão de mundo. Por isso, afirma-se a educação como fator de transformação da sociedade, como ato de mudar as pessoas e o mundo. Por ser política, a Educação Libertadora gera participação, é democrática, ao contrário da educação bancária, que conforme Freire é autoritária.

A Didática Freiriana pode ser estruturada em dez pedagogias e quatro momentos, nos quais o educador adapta a prática pedagógica conforme a especificidade do grupo (Dickson; Dickson, 2020, p. 709). Eles são interligados e têm como objetivo promover uma educação crítica e transformadora, em que o conhecimento é produzido coletivamente e direcionado para a mudança social. Esses momentos são:

Momento Propedêutico - Pedagogias da acolhida e da pergunta: educador inicia com dinâmicas de grupo para criar um ambiente de acolhimento, valorizando a diversidade e o diálogo de saberes (Dickson; Dickson, 2020, p. 709). A "acolhida" humaniza, respeitando os conhecimentos dos educandos, enquanto a "pergunta" estimula a curiosidade e a reflexão crítica, diferente da pedagogia tradicional que impõe respostas prontas.

Momento Investigativo - Pedagogias do tema gerador, da contextualização e da reflexão: Neste momento, busca-se conectar o conteúdo pedagógico com a realidade dos educandos (Dickson; Dickson, 2020, p. 710). A "pedagogia do tema gerador" reflete sobre situações-limites do grupo, enquanto a "pedagogia da contextualização" fundamenta o conhecimento na experiência concreta. A "reflexão" é vista como um processo crítico e emancipador, antecipando ações transformadoras.

Momento Propositivo - Pedagogias da investigação temática, da práxis e da sistematização: A "investigação temática" aprofunda a compreensão da realidade, a "práxis" integra ação e reflexão, e a "sistematização" organiza e compartilha o conhecimento produzido, criando um processo coletivo e contínuo (Dickson; Dickson, 2020, p. 710).

Momento de Fechamento - Pedagogias do diálogo e da gratidão: Este momento encerra o ciclo pedagógico, celebrando as conquistas e aprendizados coletivos (Dickson; Dickson, 2020, p. 711). O "diálogo" fortalece a troca de saberes, enquanto a "gratidão" reconhece a interdependência e o esforço conjunto, resgatando o valor da experiência compartilhada.

Foram encontrados trinta e dois (32) resultados sobre o Método Paulo Freire nas bases BDTD e Portal Capes no período de 2019-2024. Esses trabalhos não foram utilizados na consulta e elaboração desse estudo.

2.3 Conexão Contextual

Nesse sentido, a psicologia ecológica enfatiza que a percepção é direta, e não é mediada por representações mentais internas, ela está diretamente ligada às possibilidades de ação que o ambiente oferece ao organismo. Essas possibilidades de ação são as "affordances". O ambiente oferece diferentes oportunidades de percepção, conforme as capacidades do sujeito. Já a pedagogia de Paulo Freire defende um modelo de ensino baseado no diálogo, contextualizado e libertador. Isto é, aprendizagem parte da realidade concreta dos educandos, e é um processo de conscientização crítica que culmina em ação social.

Ambos os conceitos defendem o ambiente como parte fundamental do processo de aprendizagem, o ambiente influencia e é influenciado pelo sujeito. Isso quer dizer que o ambiente não é apenas um "pano de fundo" passivo. Para Gibson o ambiente oferece as

affordances, já para Freire o contexto social e cultural do educando oferece o ponto de partida da aprendizagem. Pode-se inferir que há mais um aspecto semelhante entre as temáticas. Pois a percepção e a aprendizagem são situadas. De acordo com Gibson, a percepção depende do contexto e das capacidades do sujeito. Para Freire, a aprendizagem depende da cultura, história e condição concreta do educando.

Ambos rejeitam uma abordagem universalista ou descontextualizada da aprendizagem; valorizando a singularidade da experiência do sujeito. Outro ponto importante é que o sujeito tem papel ativo na construção do conhecimento. Para Freire, o educando é um sujeito ativo, que interpreta criticamente o mundo e age sobre ele. A aprendizagem é um processo ativo, baseado na experiência vivida e na ação transformadora. Ao passo que para Gibson o sujeito percebe e age no ambiente de forma ativa, explorando possibilidades.

Ademais apresenta-se a relevância da ação no mundo, um dos pontos principais para os dois estudiosos. Para Gibson, a percepção orienta e ela é orientada para a ação. Enquanto para Freire, conhecimento sem ação (práxis) não é libertador. A educação deve levar à ação no mundo para transformá-lo. Portanto, existe a correlação entre o conceito de Psicologia Ecológica e a metodologia de ensino de Paulo Freire. Sendo a interação ativa entre o sujeito e o ambiente. Ambos os autores defendem a percepção como situada e a ação como transformadora. Dito isso, a psicologia ecológica pode oferecer uma base perceptiva e cognitiva que complementa a abordagem crítica emancipadora de Freire, mostrando que perceber, conhecer e transformar o mundo são processos profundamente integrados.

Finalmente, a Psicologia Ecológica fornece suporte científico à ideia freiriana de que o ambiente sociocultural não é um “cenário neutro”, mas um campo de informações e possibilidades que estruturam a percepção e a ação. Os temas geradores, em Freire, podem ser compreendidos como *affordances* culturais: elementos significativos do ambiente que emergem da vida concreta dos educandos e orientam novas formas de agir e compreender o mundo. Isso alinha a pedagogia de Freire com evidências científicas que mostram que a aprendizagem é relacional, ecológica e dependente das possibilidades reais de ação no contexto do sujeito.

Um exemplo que intersecciona essas ideias, tanto da psicologia ecológica quanto da metodologia de Paulo Freire é o estudo “Mapas mentais e sala de aula invertida: potencializando a aprendizagem no ensino superior” dos autores Leandro Blass e Angélica Cristina Rhoden de 2024. O ponto principal aqui é que a sala invertida promove maior protagonismo do estudante, pois eles estudam parte do conteúdo fora da sala e utilizam o tempo presencial para discussões, atividades práticas e aprofundamento.

A aprendizagem se torna mais significativa e *ativa*, favorecendo a retenção, a compreensão profunda dos temas estudados e a autonomia dos estudantes, uma vez que eles participam de forma mais engajada e utilizam mentalmente as informações em ambientes que incentivam a *reflexão* e a colaboração. O que vai de encontro com os conceitos de problematização e contextualização, proposto por Paulo Freire, além da ação e interação com o ambiente propostos pelos dois autores. Já o mapa mental pode ser visto como uma *affordance*, uma vez que tem uma utilidade para a ação.

3 CONCLUSÃO

A intenção deste estudo foi estabelecer uma conexão entre a Psicologia Ecológica, proposta por J. Gibson, e o Método de ensino de Paulo Freire, com base na pesquisa feita com a bibliografia primária. O estudo demonstrou que a psicologia ecológica enfatiza que ambiente oferece diferentes oportunidades de percepção, conforme as capacidades do



sujeito. Já a pedagogia de Paulo Freire defende que a aprendizagem parte da realidade concreta dos educandos, ou seja, do ambiente em que vivem, e é um processo de conscientização crítica que culmina em ação social. Ambos os autores defendem a percepção como situada e a ação como transformadora. A Psicologia Ecológica fornece suporte científico à ideia freiriana, pois mostram que a aprendizagem é relacional e dependente das possibilidades reais de ação no contexto do sujeito.

Apesar de haver uma quantidade significativa de estudos sobre o Método de Paulo Freire nesses resultados, trinta e dois (32), a produção sobre Psicologia Ecológica é bastante reduzida, com apenas quatorze (14). Além disso, mesmo testando palavras-chave diferentes da que foram usadas no trabalho, não foi encontrado nenhum estudo que relacionasse os dois temas. Mostrando uma lacuna importante na literatura acadêmica brasileira. Essa análise trouxe uma amplitude de quantificação documental das temáticas abordadas para a análise de dados, também houve a profundidade na análise dos conteúdos de cada temática.

Portanto, o estudo demonstrou o ineditismo no que tange apresentar congruências as temáticas estudadas, especialmente, no que tratam a relação do sujeito com o ambiente. Com isso é possível sugerir uma nova abordagem pedagógica com a integração entre a Psicologia Ecológica e o Método de Paulo Freire. Resta responder: de que forma a Psicologia Ecológica pode ser operacionalizada em sala de aula a partir dos pressupostos freireanos? Que práticas docentes poderiam emergir dessa intersecção teórica? Embora o estudo “Mapas mentais e sala de aula invertida: potencializando a aprendizagem no ensino superior” dos autores Leandro Blass e Angélica Cristina Rhoden (2024), se mostre próximo disso, sugerem-se novas contribuições acadêmicas com a possibilidade de levantar novas pesquisas que respondam essas problemáticas, sobretudo no contexto da formação de professores e na construção de ambientes educacionais mais inclusivos relacionado ao pensamento crítico e ações ambientais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ítalo D’Artagnan. **Metodologia do trabalho científico**. Recife: UFPE, 2021

BLASS, Leandro; RHODEN, Angélica Cristina. Mapas mentais e sala de aula invertida: potencializando a aprendizagem no ensino superior. In: Anais do **II Seminário Internacional de Educação, Empreendedorismo e Gestão de Projetos**. Engenheiro Paulo de Frontin (RJ), 2024. Even3, 01 jun. 2025. DOI: 10.29327/si-educacao-empendedorismo-gestao-projetos.925150.

BRASIL. **Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016**. Estabelece o Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2016. Seção 1, p. 1.

CARVALHO, Eros Moreira de. A percepção afetiva de affordances. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 51, n. 161, p. 413-435, 2024.

CARVALHO, Eros Moreira. O disjuntivismo ecológico e o argumento causal. **Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia da Unesp, Marília**, v. 46, n. esp. “Filosofia Autoral Brasileira”, p. 147-174, 2023. DOI: 10.1590/0101-3173.2023.v46esp1.p147.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. Didática freiriana: um reencontro com a pedagogia do oprimido. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 27, n. 1, p. 56-75, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5335/rep.v27i1.11042>.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIBSON, Eleanor J.; WALK, Richard D. The “*visual cliff*”. **Scientific American**, v. 202, n. 4, p. 64–71, abr. 1960.

GIBSON, James J. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

SKINNER, B. F. **Science and Human Behavior**. New York: Free Press, 1953

NEISSER, U. **Cognitive Psychology**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1967